

CONTROLE SOCIAL, VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS

Aluna: Cintia Reschke de Borba

Orientador: João Ricardo W. Dornelles

Introdução

A crescente demanda pela contenção da violência e da criminalidade vem determinando a pauta das políticas públicas, traduzindo-se numa clara ênfase nas políticas de segurança, em detrimento das políticas sociais, e que, na verdade, não contribuem para a diminuição da taxa de crime e para o efetivo aumento da segurança. Nesse sentido, a presente pesquisa teve o objetivo de compreender como o sistema penal recai, mormente, sobre determinados grupos de pessoas, sobretudo pobres e negros, ocasionando a estigmatização e a criminalização da pobreza, e como isto faz parte de uma lógica de controle social, em sintonia com a nova ordem estabelecida pelo sistema econômico vigente e pela globalização.

Outro foco da pesquisa foi a questão do medo na sociedade contemporânea. As pessoas vivem constantemente assombradas pela sensação de insegurança e pelo temor de que algum mal as possa atingir a qualquer momento. Os meios de comunicação de massa bombardeiam diariamente o público com novos tipos de perigos e a idéia de que todos os indivíduos são vulneráveis. O medo é um mecanismo de dominação de grande potencial, largamente aproveitado por agentes políticos e econômicos para estimular o consumo e possibilitar a adoção de políticas e medidas, que, dificilmente, seriam aceitas ou viáveis, caso a população não estivesse paralisada pelo medo e ocupada o bastante na interminável tarefa de lidar com ele.

Assim sendo, estudou-se o fenômeno do medo e como ele constitui um mecanismo de controle social amplamente utilizado pelos poderes dominantes, com vias a alcançar seus interesses e dar continuidade ao sistema neoliberal vigente.

Metodologia

Foi utilizado o método de estudo bibliográfico, tomando-se por base obras de autores como Zygmunt Bauman, Alessandro Di Giorgio, David Harvey, Michel Foucault, Rosa Del Olmo, Lola Aniyar de Castro, Gabriel Ignacio Anitua, Vera Malaguti Batista, Loïc Wacquant, dentre outros. O estudo também foi desenvolvido a partir de discussões no âmbito do Observatório de Controle Social e Sistema Punitivo do Núcleo de Direitos Humanos da PUC-Rio. O foco da pesquisa foram os mecanismos de controle que a sociedade cria para assegurar, constantemente, o mantimento da ordem vigente. Com as mudanças pelas quais passou o sistema capitalista nas últimas décadas, a vida social foi reestruturada e surgiram novos instrumentos de controle social.

Tendo em vista que o projeto capitalista-neoliberal não vislumbra toda a população mundial e não possui capacidade para oferecer emprego e renda para todos, apenas para uma restrita minoria, relegando a maioria à exclusão, é necessário haver intensa e constante manipulação ideológica para manter a ordem das coisas [1]. É imprescindível se manter em funcionamento, ininterruptamente, mecanismos de controle social para conter os insatisfeitos [2] e legitimar certas práticas e posturas por parte dos detentores do poder. Quem vai contra esta realidade e a posição hegemônica dos dominantes é punido ou eliminado. Passa a ser

visto como inimigo, que deve ser combatido, não raro, sob a alegação de defesa da justiça, da segurança, da decência e dos direitos humanos.

O controle social é exercido de várias formas diferentes, como através do sistema punitivo e de mecanismos como o eficientismo penal [3], por exemplo.

Dentre os temas abordados, destacam-se, ainda, o desenvolvimento e o funcionamento do sistema penal, as suas deficiências e as precárias condições a que são submetidos os encarcerados, que, aliadas à extrema violência presente nos presídios e à superlotação, faz com que a nobre finalidade da ressocialização não passe de mera falácia, acabando, não por readaptar os indivíduos para o convívio em sociedade, mas por desprepará-los ainda mais para tal, relegando-os à exclusão e levando à reincidência.

O recurso às políticas penais de emergência punitivas e à criminalização de conflitos sociais, baseada nos discursos de “lei e ordem”, é chamado de eficientismo penal. Tal mecanismo promove a repressão das classes desfavorecidas em geral e faz com que sejam estigmatizadas. Verifica-se a transição de uma política penal para uma política de segurança, na medida em que em que há um endurecimento das penas, tentativas de redução da maioria penal, uma militarização da polícia e um reforço significativo no seu aparelhamento. Assim, “com o modelo do eficientismo, a política criminal é inflada, ocupando espaços normalmente destinados às outras políticas disciplinares de controle social. Há uma substituição das práticas disciplinares inclusivas e integradoras por práticas de exclusão e segregação baseadas quase unicamente nas medidas penais.” [4]

O endurecimento penal verificado nos últimos anos em vários países do mundo, de fato, não é a solução para a criminalidade e para a violência; pelo contrário, só agrava a situação. Entretanto, mesmo diante desta constatação, insiste-se em utilizar o sistema punitivo como solução para os problemas da sociedade. Em contrapartida, as políticas sociais, como as voltadas para saúde, educação e capacitação para a cidadania, por exemplo, diminuíram consideravelmente. Isto vai de encontro com a nova conjuntura econômica mundial, em que a atividade estatal e agenda política são maciçamente influenciadas pelo mercado. Além disso, cresce o seu papel de garantidor da ordem e da segurança, o que é corroborado pelos agentes econômicos, já que, num mundo globalizado, competitivo e individualista como o em que vivemos, a quantidade de excluídos do mercado de trabalho e de consumo – e, portanto, de descontentes – vem crescendo em níveis assoladores. Os excluídos são os dejetos do sistema econômico. Destarte, faz todo o sentido que haja interesse em que o Estado exerça controle sobre a população, especialmente, a mais marginalizada. Por outro lado, é vantajoso para o Estado continuar detendo importância no mantimento da ordem e da segurança como meio de manter a legitimidade de sua autoridade, vez que, com o seu “esvaziamento”, impulsionado pelas forças do mercado, ele já não é mais garantidor social, restando-lhe, apenas, o papel de provedor da segurança e do policiamento [5].

No plano internacional, a lógica da guerra perpétua que se constata na atualidade, especialmente da parte dos Estados Unidos da América, contribui neste processo e, de acordo com Dornelles, “introduz o eficientismo penal nas relações internacionais através da criminalização dos movimentos sociais globais contra-hegemônicos, definindo-os como inimigos da ordem global (neoliberal) e cúmplices do terrorismo.” [6]

Outro poderoso mecanismo de controle social é o medo, o qual foi o enfoque do trabalho da bolsista no âmbito do presente projeto de pesquisa.

O medo é um sentimento que acompanha o ser humano durante toda a sua vida. Segundo Zygmunt Bauman, a sua causa maior é a morte, podendo ser classificado em medo original e secundário. O medo original traduz-se na sensação gerada quando se está diante de uma ameaça à vida, também compreendido como instinto de sobrevivência, que leva à fuga ou à agressão. Tal sentimento é compartilhado com todos os outros animais. Por outro lado, o medo secundário é particular ao ser humano e pode ser definido como o medo provocado pela

consciência de que a morte é inevitável e pode chegar a qualquer tempo. Não é necessário que haja uma ameaça concreta, manifestando-se “quer haja ou não uma ameaça presente. O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade”. [7]

Este “medo derivado”, como o denomina Hughes Lagrange [8], possuiria natureza social e consistiria na insegurança impulsionada pelo conhecimento da suscetibilidade e vulnerabilidade humanas frente o perigo.

Bauman afirma que o medo primitivo da morte “talvez seja o protótipo ou arquétipo de todos os medos – o medo definitivo de que todos os outros extraem seu significado”. [9]

Segundo o autor, a sociedade constrói mecanismos para tornar tolerável a existência com o medo da morte. E vai além, declarando que “todas as culturas humanas podem ser decodificadas como mecanismos engenhosos calculados para tornar suportável a vida com a consciência da morte.” [10]

Há uma vasta gama de mecanismos utilizados na tentativa de amenizar o medo da morte, que podem, entretanto, ser agrupados em três categorias principais. A estratégia mais empregada seria a negação da morte como o fim de tudo, constituindo apenas uma passagem deste mundo a outro. Diversas religiões e crenças surgiram defendendo a eternidade da alma e a continuidade da vida após a morte corpórea. O que, segundo Bauman, teria dotado a vida terrena de grande significado e importância, na medida em que, para alcançar a vida eterna, seria necessário viver de forma pura e zelosa [11].

Outra tática consiste em se buscar a imortalidade pela memória, através da conquista de uma individualidade, um destaque na multidão. A principal forma de se conseguir a tão cobiçada individualidade é a fama – individual, coletiva ou por meio de categorias –, a qual pressupõe esforços contínuos para alcançá-la e mantê-la.

Aos indivíduos que não têm acesso à imortalidade individual, são dadas possibilidades de imortalidade despersonalizada, como a que Bauman chama de “imortalidade-por-procuração” [12]. Esta, diversamente da imortalidade personalizada, não demanda a prática de atos memoráveis, mas é proporcionada como “prêmio de consolação” às pessoas que não têm esperança de realizar feitos importantes. Diante da sua inaptidão para obter a imortalidade por meio da vida, fazem-no por meio da morte. É a morte por uma causa que lhes confere tal espécie de imortalidade. Esta concepção foi bastante aproveitada por governantes na época da formação dos Estados-nação e da República francesa pós-revolucionária, que necessitavam de cidadãos patriotas prontos, se necessário, a sacrificar suas vidas em prol da imortalidade da nação [13].

Com o gradual enfraquecimento do poder de convencimento da estratégia acima, ganha força, na sociedade contemporânea, o estratagema da marginalização das preocupações com a morte. Esta se opera por meio da desvalorização das coisas que são duráveis e de longo prazo, afastando a preocupação com a eternidade e a imortalidade.

Pode-se chegar a isso de duas maneiras: pela desconstrução e pela banalização da morte. Com relação à desconstrução, Bauman faz referência a Freud, que observou que os seres humanos tendem a empreender esforços para eliminar a morte da vida e a enfatizar as causas aleatórias a provocam, como acidentes e doenças, ocultando o seu aspecto necessário e natural [14]. Esta desconstrução está em sintonia com a proposta moderna de desintegrar o desafio existencial em vários problemas distintos que devem ser solucionados separadamente. Até então, acreditava-se ser finita a quantidade dos problemas existentes – e os que ainda estavam por vir – e ser possível prevê-los e dominá-los.

Todavia, a desconstrução, que se propunha a afastar a preocupação com a morte, surte efeito exatamente contrário. Intensifica ainda mais o pavor da morte e mantém-no presente e

atuante em nossa vida diariamente de maneira que “da ameaça da morte não há agora um só momento de descanso. A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora. Enquanto prossegue, é pontilhada por vitórias – ainda que a última batalha esteja fadada à derrota. Antes dela, contudo (e quem sabe antecipadamente que batalha se revelará como a última?), a morte permanece velada. Fragmentada em incontáveis preocupações com incontáveis ameaças, o medo da morte satura a totalidade da vida, embora na forma diluída de uma toxidade um tanto reduzida. Graças à ubiqüidade de suas pequenas doses, é improvável que o pavor da morte seja ‘ingerido’ totalmente e confrontado em toda a sua medonha horripilância, sendo suficientemente comum para poder paralisar o desejo de viver.” [15]

Enquanto a desconstrução visa afastar o confronto com morte, decompondo-a em diversos problemas solucionáveis, a banalização pretende transformar o próprio enfrentamento em um evento trivial, por meio da realização de encenações diárias da morte.

Há várias formas de se experimentar a morte em vida, uma delas seria a morte de alguém próximo, que traz profundo sentimento de perda e que nos aproximaria da irreversibilidade e da finitude, permitindo-nos antever o significado da nossa própria morte. É o que Bauman denomina de “morte de segundo grau” e tratar-se-ia da “única modalidade em que a experiência da morte é acessível aos vivos.” [16]

O que nos propicia ter essa “revelação” sobre a morte é justamente a perda de uma pessoa querida que nunca poderá ser completamente substituída em nossa vida. É o fim irreversível do “compartilhamento de um mundo” com esta pessoa. Um fim similar a este pode ser impulsionado por outros acontecimentos, que não a morte física do outro indivíduo, tais como o rompimento dos vínculos afetivos, causado pelo término de um namoro ou casamento, a que Bauman dá o nome de “morte de terceiro grau.” [17]

Assim, ocorre a banalização mediante a repetição do rompimento dos vínculos humanos, o que se dá quando estes se tornam frágeis. Bauman destaca que vivemos em tempos de fugacidade e fluidez. A sociedade “líquido-moderna”, como ele a chama, caracteriza-se pela extrema superficialidade e curta duração das relações humanas, transformando a vida em um verdadeiro “ensaio diário da morte”. [18]

O término de uma relação pode ocorrer por consentimento mútuo, mas geralmente o é por causa ou iniciativa de apenas uma das partes, separando-as em “vítima” e “ofensor”. O rompimento do vínculo é sempre encarado pela “vítima” como rejeição e exclusão. Isso leva a crer que, na verdade, o medo da “morte de terceiro grau” representa o medo de ser excluído. O que implica, numa realidade fluida como a atual, repleta de mortes metafóricas, a necessidade de desconfiança e vigilância ininterruptas.

Bauman explica que os perigos traduzem-se em “‘ameaças’ e derivam seu poder de amedrontar do metaperigo da morte – embora sejam diferentes do original por serem evitáveis e talvez passíveis de serem prevenidos ou mesmo adiados indefinidamente. Ou pelo menos é o que se pode esperar, mesmo que tais esperanças se frustrem mais freqüentemente do que são corroboradas e sustentadas.” [19]

Segundo o autor, há três categorias de perigos: os que ameaçam o corpo e as propriedades; os que incidem sobre a estabilidade da ordem social (que assegura o emprego e, portanto, o sustento); e os que recaem sobre a posição da pessoa no mundo e na sociedade (classe social e identidade – étnica, religiosa, etc.) e sobre a proteção contra a exclusão social [20].

Há, ainda, uma “terceira zona” de ameaças, concomitantemente humanas e naturais. Trata-se da zona nebulosa e não muito bem definida em que tragédias completamente inesperadas acontecem - como o esgotamento das jazidas de petróleo, o desaparecimento de grandes companhias (e dos serviços essenciais que prestam) e a queda de aviões com a morte dos passageiros. A cada dia ficamos sabendo de novos perigos que surgem e que podem nos assolar a qualquer momento [21].

Interessante notar que os medos estão em todo o lugar e podem brotar “de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e para voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. Do que chamamos ‘natureza’ (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) ou de outras pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundância de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluídos)”. [22]

Isso tudo gera um sentimento de insegurança, com o qual somos obrigados a conviver diariamente. Sempre aparecem novos medos, as fontes nunca se esgotam. Quando se esvanecem alguns, aparecem outros. Essa autopropulsão é uma característica do medo. As causas que lhe dão ensejo se renovam e perpetuam-se automaticamente.

Deste modo, a sociedade líquido-moderna tem por objetivo reprimir esses temores produzidos cotidianamente e silenciar os medos originados por riscos que não podem ser evitados (ou não devem, em prol da preservação da ordem social). Essa repressão é realizada de maneira discreta e sutil, por meio do que Thomas Mathiesen, citado por Bauman, denominou de “silenciamento silencioso”. [23] Tal mecanismo é estrutural – não podendo, portanto, ser imputado ao Estado –, contínuo e habitual, o que o torna abrangente e eficaz. Além disso, atua de modo dinâmico e silencioso, o que lhe confere confiabilidade e legitimidade.

Os medos são condizentes com a realidade líquido-moderna, pois nascem e diluem-se com facilidade e em ritmo acelerado, como pondera o autor: “os pânico vêm e vão, e embora possam ser assustadores, é seguro presumir que terão o mesmo destino de todos os outros.” [24].

Outra particularidade dos medos atuais é que eles são facilmente destacados de suas causas originais nas mentes dos sofrendores de modo que as ações tomadas em resposta ao medo podem se dirigir para outras direções, que não as causas reais do sentimento de insegurança [25].

A maioria das tragédias anunciadas acaba não acontecendo e muitos dos medos chegam até as pessoas juntamente com os seus próprios remédios, como foi caso do *bug* do milênio, por exemplo, cujo risco foi anunciado pelas mesmas empresas que vendiam programas e ofereciam assessoria para lidar com o problema. Bauman alerta que esta prática pode ser vista como padrão para inúmeras outras situações, abastecendo a economia de consumo, ávida por consumidores. Pessoas aterrorizadas são presas fáceis para o mercado de produtos e artefatos que prometem propiciar-lhes proteção.

Bauman ressalta que o que é mais est arrecedor não é o medo das tragédias em si e dos danos que elas podem acarretar, mas o sentimento de impotência motivado pela consciência de que não podemos prever os novos perigos que nascem constantemente e, por isso, nunca estaremos suficientemente prevenidos e as nossas defesas jamais serão fortes o bastante para derrotá-los.

Assim, passamos a ser escravos do medo e da insegurança, mesmo sem saber ao certo, por vezes, o que tememos ou porque estamos inseguros. A mídia e outros formadores de opinião desempenham papel fundamental neste processo, na medida em que bombardeiam o público com novos perigos e riscos e que vendem a idéia de que somos invariavelmente indefesos e vulneráveis (oferecendo, em muitos casos, como já dito, os possíveis artefatos para contê-los, mediante, é claro, a devida remuneração) [26].

Verifica-se, desta maneira, um contexto caótico, em que os indivíduos da era líquido-moderna passam suas vidas inteiras assombrados pelo medo e pela insegurança, agravados pelo sentimento de impotência perante os riscos que provocam estes medos. Conseqüentemente, consomem cada vez mais toda a sorte de produtos (em especial os da indústria de proteção pessoal e segurança), muitos deles supérfluos e em quantidades maiores do que seria necessário para viver, na tentativa de cessar os medos e suas causas e de remediar a frustração. Como tais artigos de consumo não funcionam – ou apenas surtem efeito temporário e paliativo –, vez que não se destinam a solucionar as verdadeiras origens das aflições, acabam por ocasionar ainda mais medo e angústia, o que leva a mais consumismo para sanar essas novas angústias que vão surgindo, gerando um perigoso e explosivo ciclo vicioso.

Neste sentido, na conjuntura pós-moderna, a guerra contra os medos perdura por toda a vida, muito diferente do que sonharam e difundiram os iluministas, que desejavam criar uma vida em que as paixões, os medos e as ameaças seriam dominados. O autor acrescenta que “a *vida inteira* é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos. Pode-se percebê-la melhor como uma busca contínua e uma perpétua checagem de estratégias e expedientes que nos permitem afastar, mesmo que temporariamente, a iminência dos perigos – ou, melhor ainda, deslocar a preocupação com eles para o incinerador lateral onde possam, ao que se espera, fenecer ou permanecer esquecidos durante nossa duração. A inventividade humana não conhece fronteiras. Há uma plenitude de estratégias. Quanto mais exuberantes são, mais eficazes e conclusivos os seus resultados. Embora, apesar de todas as diferenças que os separam, eles tenham um preceito comum: burlar o tempo e derrotá-lo no seu próprio campo. Retardar a *frustração*, não a *satisfação*.” [27]

Outra estratégia na tentativa de contornar os medos e as incertezas do futuro é o imediatismo e o ímpeto de aproveitar o presente. Já que o futuro e os perigos são imprevisíveis, a ordem é desfrutar tudo o que se pode agora e não se preocupar com o amanhã, pois este pode não chegar. A substituição das cadernetas de poupança pelos cartões de crédito situa-se dentro desta lógica. Consoante Bauman, nunca uma geração foi tão endividada quanto a atual [28]. O futuro está fora de alcance, mas o cartão de crédito tem o poder mágico de trazê-lo para o presente, propiciando consumir por antecipação algo que só será cobrado posteriormente. As cadernetas de poupança demandam certa previsibilidade e constância na sua valorização, diferentemente dos cartões de crédito, que permitem desfrutar agora benefícios futuros. Bauman resume bem a problemática ao afirmar que “se as cadernetas de poupança implicam a certeza do futuro, um futuro incerto exige cartões de crédito.” [29]

A construção do projeto moderno baseou-se na procura crescente por felicidade. Na sociedade líquido-moderna, cada indivíduo é treinado desde pequeno para buscar a felicidade individual utilizando-se de meios e esforços individuais [30].

Em consonância com a já mencionada lógica da constante vigilância e prevenção, encontra-se, também, a lógica do *excluir para não ser excluído*, na qual as pessoas, temendo a exclusão social ou pessoal, que, supostamente, pode ocorrer a qualquer momento, são, por vezes, “compelidas” a perseguirem o seu próprio êxito e a “salvarem a sua própria pele”, mesmo que isto acarrete a exclusão ou o prejuízo do outro. Não necessariamente porque sejam “más” e queiram prejudicar os outros, mas porque as regras do jogo são essas [31].

Bauman exemplifica a questão ao fazer alusão aos *reality shows*, explicando que fazem tanto sucesso porque, com a sua sistemática de eliminação, simulam, na realidade, o jogo da vida. No mais famoso de todos, o *Big Brother* (que, aliás, é bem diferente do original criado por George Orwell, cujo objetivo era manter os participantes em um regime controlado

e não mandá-los embora), uma coisa é certa: a eliminação é inevitável (a chance de escapar a ela é mínima) e independe dos méritos do participante. Só não se sabe ainda quando ela virá, cabendo tentar postergá-la ao máximo. O programa gira em torno da cota de expulsões a ser observada: deve ser eliminada, necessariamente, uma pessoa por semana. Para não ser excluídos, os participantes têm de excluir. Tal como no mundo real, não há como escapar às regras do jogo. Todos devem votar pela expulsão de alguém, e sem sentimento de culpa, já que isso é o que devemos fazer. “Você não pode errar quando vota pela expulsão de alguém. É só quando hesita e resiste ao jogo que você corre o risco de ficar ou ser posto fora dele. E a sua aversão a jogar o jogo da exclusão não impedirá os outros de lhe darem uma bola preta.” [32]

De tal modo, a vida pós-moderna se torna um verdadeiro campo de batalha, uma luta de todos contra todos, cada um defendendo o *seu* interesse, buscando a *sua* felicidade e precavendo-se de todas as maneiras possíveis e imagináveis contra os perigos que assombram a existência humana, como os que podem causar a morte física, a morte metafórica, a exclusão social, o fim da durabilidade da ordem social e uma interminável quantidade de outras ameaças.

Conclusões

A sociedade cria mecanismos de controle para assegurar, constantemente, o mantimento da ordem vigente. Com as mudanças pelas quais passou o sistema capitalista nas últimas décadas, a vida social foi reestruturada e surgiram novos instrumentos de controle social. A pesquisa propiciou um maior entendimento acerca destes mecanismos de controle e do processo de transição do Estado social para o Estado de proteção pessoal. Tal transição só vem a piorar a situação dos excluídos, vez que a globalização vem aumentando, significativamente, a quantidade de desempregados e miseráveis, que agora não mais podem contar com o amparo do Estado social, tampouco do mercado.

Foi possível compreender, ainda, como a disseminação e manipulação do medo e a formação de um imaginário social constituem uma ferramenta de dominação extremamente eficaz. Vivemos em uma sociedade do medo, em que estamos todos sempre temendo que algo de ruim afete nosso corpo, bens, posição social ou o funcionamento do mundo à nossa volta. Acreditamos estar constantemente rodeados de perigos prontos a nos atacar, que o podem fazê-lo a qualquer momento, bastando um simples momento de descuido de nossa parte.

Por isso, somos ensinados a estar sempre alertas e vigilantes. Somos levados a crer que o mundo em que habitamos é perigosíssimo e que novas ameaças surgem a cada dia e podem vir de todos os lados, principalmente dos outros seres humanos. Assim, internalizamos a noção de que o “outro” representa uma ameaça e está continuamente tentando nos passar para trás. Por esta razão, devemos desconfiar sempre e zelar pelo nosso próprio bem-estar, segurança e felicidade, porque se não o fizermos, ninguém o fará, porque cada um cuida apenas de si mesmo. São estas as “verdades” a que somos expostos desde a infância e que nos acompanham por toda a vida.

Desta maneira, a vida se torna uma guerra interminável, movida pela máquina do medo. Esta situação é perpetuada pela mídia e outros formadores de opinião, todos trabalhando em conjunto para manter a ordem das coisas. Só a partir do medo, bem como de outros meios de controle social, é que se torna possível manter a população sob controle e servil, para assegurar o pleno funcionamento do sistema capitalista-neoliberal, sempre beneficiando uma minoria privilegiada, em detrimento de uma maioria de excluídos.

Referências

- 1 - DORNELLES, João Ricardo W. **Conflito e Segurança: Entre pombos e falcões**. Rio de Janeiro: Editora Lumen, 2008. p. 21.
- 2 - *Ibid.* p. 21.
- 3 - *Ibid.* p. 41-47.
- 4 - *Ibid.* p. 42.
- 5 - BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 193.
- 6 - DORNELLES, João Ricardo W. Guerra Imperial Permanente versus Direitos Humanos. Artigo apresentado no Seminário "**Direitos Humanos - Viena + 10 - Desafios e Perspectivas**". Núcleo de Direitos Humanos da PUC-Rio, out. 2003. p. 16.
- 7- BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 9.
- 8 - Citado por Bauman. *Ibid.* p. 9.
- 9 - *Ibid.* p. 73.
- 10 - *Ibid.* p. 46.
- 11 - *Ibid.* p. 46-50.
- 12 - *Ibid.* p. 52.
- 13 - *Ibid.* p. 53.
- 14 - *Ibid.* p. 56.
- 15 - *Ibid.* p. 59.
- 16 - *Ibid.* p. 62.
- 17 - *Ibid.* p. 62-63.
- 18 - *Ibid.* p. 63.
- 19 - *Ibid.* p. 73.
- 20 - *Ibid.* p. 10.
- 21 - *Ibid.* p. 11.
- 22 - *Ibid.* p. 11.
- 23 - *Ibid.* p. 13.
- 24 - *Ibid.* p. 14.
- 25 - *Ibid.* p. 10 e 174.
- 26 - *Ibid.* p. 15.
- 27 - *Ibid.* p. 15.

28 - *Ibid.* p. 16.

29 - *Ibid.* p. 17.

30 - *Ibid.* p. 68.

31 - *Ibid.* p. 30 e 37-39.

32 - *Ibid.* p. 40.